



## PESCADORES, ESFORÇO DE CAPTURA E ESPÉCIES-ALVO NA PESCA ARTESANAL DA BAÍA NORTE DE FLORIANÓPOLIS, SC-BRASIL.

<sup>123</sup>Aggio, R.B.M.(raphael.aggio@gmail.com); <sup>34</sup>Bazzalo, M.; <sup>45</sup>Flores, P.A.C. e <sup>12</sup>Hanazaki, N.

1- Universidade Federal de Santa Catarina; 2- Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica; 3- Instituto de Pesquisa e Conservação de Golfinhos; 4- Universidad de Buenos Aires e 5- Núcleo de Unidades de Conservação, IBAMA, Manaus, AM, Brasil

### INTRODUÇÃO

O litoral central de Santa Catarina possui um mosaico de áreas protegidas, composto por unidades de conservação como a Área de Proteção Ambiental de Anhatomirim (APAA). Alterações sem controle e planejamento, decorrentes da ocupação antrópica na região da APAA modificaram a fisionomia e a dinâmica ambiental da Baía Norte de Florianópolis. Na Baía Norte se encontra ainda um grupo de 70 indivíduos da espécie *Sotalia guianensis*, que vem sofrendo com a captura acidental em redes de pesca, já que 56% dos 32 exemplares de *S. guianensis* encontrados mortos entre 1991 e 2002 apresentavam marcas de redes de pesca (Instituto de Pesquisa e Conservação de Golfinhos, comunicação pessoal). Apesar da criação da APAA, não existem ainda informações aprofundadas sobre as comunidades pesqueiras e sua relação com a Baía Norte. É portanto indispensável para a conservação local que se conheça as características sócio-econômicas das comunidades pesqueiras, a produtividade, o número de pescadores e embarcações atuando, os tipos de petrechos utilizados, a composição do pescado, os pontos de pesca e as relações existentes entre as comunidades pesqueiras e os animais. Assim, será possível uma posterior avaliação dos prejuízos e desenvolvimento de medidas mitigadoras que atendam da melhor forma os interesses das partes envolvidas nas discussões sobre conservação biológica na área da APAA.

### MATERIAL E MÉTODOS

Entre julho de 2006 e abril de 2007, realizamos as coletas de dados, utilizando para isso dois procedimentos. Através de entrevistas abertas, coletamos informações sócio-econômicas das comunidades de Saco Grande e Sambaqui na Ilha de Santa Catarina (município de Florianópolis), e Caieira, Costeira da Armação, Fazenda da Armação e Armação da Piedade no continente (município de Governador Celso Ramos). Através do

acompanhamento embarcado de viagens de pesca, coletamos dados específicos sobre a produção pesqueira em locais selecionados, empregando observação direta, GPS, trena, balança e câmera digital.

Os locais escolhidos foram Sambaqui, Saco Grande, Caieira e Fazenda da Armação. Foram acompanhados oito pescadores, sendo dois de cada comunidade. A análise de produtividade foi feita através do cálculo da captura por unidade de esforço (CPUE), calculada de acordo com a área de rede imersa ou através do número de pescadores envolvidos na pescaria.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

As estimativas do número de pescadores artesanais atuando na Baía Norte variam entre cerca de 1050 (Daura-Jorge et al., 2007) e 1500 pescadores e 700 embarcações (informações recolhidas junto à Secretaria Especial de Agricultura e Pesca e Colônias de Pesca).

Coletamos informações sócio-econômicas de 34 pescadores e identificamos que apesar da média de idade ser de 40 anos, com desvio padrão (d.p.) de 14,18 anos, a classe etária com maior número de pescadores representados (29%) é a entre 20 e 30 anos de idade. Em relação ao tempo de pesca, a média foi de 27 anos (d.p.=13,84), com 41% dos pescadores possuindo entre 10 e 20 anos de pesca. Os 34 entrevistados possuem renda proveniente da pesca variando entre 1 e 2 salários mínimos e 65% dos entrevistados possuem outras fontes de renda, entre elas a maricultura, agricultura, comércio, criação de animais e emprego nas praias durante o verão. Os pescadores artesanais começam a pescar com uma média de 13 anos de idade (d.p.=8,67) sendo que 82% iniciaram-se na pesca com idades entre 0 e 15 anos.

Até o momento foram realizadas 24 saídas embarcadas, onde acompanhamos a captura de 1124,67Kg de pescado, através de um total de

0,09Km<sup>2</sup> de rede durante 207,75 horas, resultando em uma CPUE de 57,54Kg/Km<sup>2</sup>/hora. A média de CPUE entre as comunidades foi de 2,24Kg/Km<sup>2</sup>/Hora (d.p.= 2,28Kg/Km<sup>2</sup>/Hora).

Verificamos sobreposição entre os pontos de pesca das duas comunidades do continente e entre as duas comunidades da ilha. Cerco, Caceio, Fundeio e Arrasto foram as artes de pesca praticadas. As três primeiras exigem 2 homens trabalhando, enquanto que o Arrasto é realizado por apenas um homem. Ao todo, 47 pescadores participaram das pescarias até o momento resultando numa CPUE por pescador de 0,12Kg/Pescador/Hora, o que demonstra a necessidade de várias horas de trabalho para uma boa pescaria. A média entre as comunidades foi de 5,04Kg/Pescador/Hora (d.p. = 7,38Kg/Pescador/Hora). Entre as artes de pesca praticadas, o Caceio foi executado em 69% das pescarias, o Fundeio em 15%, o Cerco em 11% e o Arrasto em 4%, sendo este último apresentando a maior CPUE (678,44Kg/Km<sup>2</sup>/Hora), seguido pelo Caceio (2,56Kg/Km<sup>2</sup>/Horas, d.p.=2,27Kg/Km<sup>2</sup>/Hora). Cerco e Fundeio apresentaram CPUE de 1,47 Kg/Km<sup>2</sup>/Horas (d.p.= 0,54 Kg/Km<sup>2</sup>/Horas) e 0,27 Kg/Km<sup>2</sup>/Horas (d.p.= 0,28Kg/Km<sup>2</sup>/Horas), respectivamente.

Na composição do pescado encontramos 37 espécies de peixe, 3 de crustáceos e 1 de réptil, sendo as principais espécies-alvo capturadas *Farfantepenaeus schimitii*, *Trichiurus lepturus*, *Micropogonias furnieri*, *Mugil sp.*, *Menticirrhus americanus* e *Paralanchurus brasiliensis*. Consideramos que espécimes capturadas e devolvidas ao mar mortas ou debilitadas são espécies não-alvo. Até o momento, 202,31Kg do total capturado foi de espécies não-alvo, como por exemplo *Chloroscombrus chrysurus*, *Prionotus punctatus*, *Symphurus plagusia*, *Sphoeroides testudineus*, *Lagocephalus laevigatus*, *Gymnothorax ocellatus*, *Stellifer rastrifer*, *Selene vomer* e *Chelonia mydas*.

Apesar de possuírem boa consciência ecológica, acompanhamos algumas transgressões de leis como o arrasto em local proibido e redes fixas colocadas em costões rochosos. Em ambos os casos, os pescadores conhecem a lei, porém não sabem exatamente o porquê da proibição e, dessa forma, hora ou outra a desrespeitam. Em nenhuma das pescarias acompanhadas fomos abordados por qualquer tipo de órgão responsável pela fiscalização da pesca na região. Este cenário nos faz concluir que, para alcançarmos metas de conservação biológica nesta região, a criação de normas e legislações é insuficiente, sendo também

fundamental ouvir o pescador, investir em educação e em ações em conjunto, envolvendo os pescadores como agentes centrais neste processo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

DAURA-JORGE, F., WEDEKIN, L. L. & HANAZAKI, N. A pesca artesanal no mosaico de áreas protegidas do litoral de Santa Catarina. Instituto Carijós/UFSC, 2007 (Relatório Técnico).